

ARTIGO de DRA. PATRÍCIA RANGEL
Nov-Dez 2020

ELEIÇÕES MUNICIPAIS E DESAFIOS PARA AS CANDIDATAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA



O ano de 2020 trouxe um desafio excepcional ao mundo, com a pandemia de COVID-19, que alterou profundamente as dinâmicas políticas, sociais e econômicas de todos os países, com consequências especialmente danosas para as mulheres. No Brasil, a crise impactou também o processo eleitoral, acarretando o adiamento do pleito municipal e impondo novas dificuldades às candidaturas femininas. Antes dela, as mulheres já enfrentavam obstáculos para alcançar funções na vida política¹. Elas correspondem a 52,5% do eleitorado brasileiro, porém são 21,1% das pessoas nas instâncias executivas nacionais² e menos de 15% dos representantes políticos. O país ocupa a 154^a posição do ranking mundial de mulheres em cargos ministeriais³ e o 143^o lugar do ranking de representação parlamentar⁴.

Desigualdades de gênero e barreiras à participação das mulheres na política foram exacerbadas, como o desequilíbrio na carga de trabalho doméstico (antes da crise, as brasileiras gastavam em média 18,5 horas semanais com trabalho não-remunerado, contra 10,3 horas no caso dos homens⁵), trabalho este que aumentou no contexto da pandemia⁶, limitando o tempo disponível para a vida política. Estudo realizado com 20 candidatas apontou que quase 90% pensou em desistir da candidatura por conta da sobrecarga⁷.

Apesar de a sub-representação de mulheres e da população negra ter se mantido mantido, houve tímido aumento no número de eleitas em relação às eleições anteriores, como revelam os dados abaixo dos desafios:

Prefeitas: Em 2020, 12% dos prefeitos eleitos são mulheres, o que representa menos de um ponto percentual a mais que em 2016, quando elas foram 11,5% do total. Das 25 capitais brasileiras onde houve votação, apenas uma será administrada por mulher⁸. No atual ritmo, só em 300 anos haverá paridade entre homens e mulheres nas prefeituras⁹.

Câmaras Municipais: Este ano, as mulheres representam 16% dos vereadores eleitos, 2,5 pontos percentuais a mais que no último pleito (quando as eleitas foram 13,5% do total). Seguindo este padrão, deverá haver paridade no legislativo municipal em 56 anos¹⁰.

¹ Ver <https://undocs.org/es/E/CN.6/2015/3>

² Ver ATENEA – mecanismo para acelerar a Participação política das mulheres na América latina e no Caribe. Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/09/ATENEA_Brasil_FINAL23Sep.pdf

³ Ver <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/women-in-politics-map-2020-es.pdf?la=en&vs=828>

⁴ Ver <http://www.ipu.org>, dados relativos a outubro de 2020.

⁵ IBGE, Outras Formas de Trabalho: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101722>

⁶ Ver pesquisa “O trabalho e a vida das mulheres na pandemia” em <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>

⁷ <https://folha.com/fzstyqyx6>

⁸ Macapá, capital do Amapá, realizará excepcionalmente sua eleição em dezembro, porque atualmente enfrenta uma grave crise energética. No Distrito Federal, não há eleições municipais.

⁹ Ver <http://www.generonumero.media/56-anos-paridade-genero/>

¹⁰ Idem.

Desigualdades raciais: Pessoas brancas são maioria entre os vereadores eleitos (53,5%). Apenas 6,3% são mulheres negras. Contudo, um levantamento indicou que o número de vereadoras não brancas aumentou 22,8% em relação a 2016¹¹.

Financiamento de campanha: Em relação ao apoio financeiro, candidatos homens receberam 73,3% da verbas dos Fundos Eleitoral e Partidário, enquanto pessoas brancas ficaram com 62,5%¹², em desacordo com a decisão do TSE que estabelece distribuição proporcional do financiamento e tempo de rádio e TV entre as candidaturas negras¹³ (que representaram 50,8% do total de candidaturas à vereança)¹⁴.

A título de conclusão, é fundamental mencionar uma característica marcante destas eleições: a violência política com base em gênero. Um estudo apontou que 78% das candidatas entrevistadas relataram aumento da percepção de violência no período de campanha, 94% disseram que seus partidos não ofereceram suporte para lidar com essas situações e que 67% declararam ter sofrido algum tipo de violência dentro de sua própria sigla¹⁵. Na reta final do primeiro turno das eleições, mulheres foram vítimas de violência política a cada dois dias¹⁶. A mensagem que existe por trás disso é que a política não é o lugar das mulheres. Contudo, o que se aprende de tudo isso é que cada vez mais elas são necessárias nos espaços de poder e decisão.

¹¹ Fonte: Agência Câmara de Notícias. Ver <https://www.camara.leg.br/noticias/708248-mulheres-representam-16-dos-veredores-eleitos-no-pais>

¹² Fonte: <http://www.generonumero.media/candidaturas-negras-laranjas/>

¹³ Ver <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=452339>

¹⁴ Segundo dados de candidaturas registradas junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 21/10. O TSE atualiza constantemente seu banco de dados.

¹⁵ <https://folha.com/fzstyqx6>

¹⁶ <http://www.generonumero.media/mulheres-violencia-eleicoes/>

Mulheres na política

NO MUNDO

6,2%	chefes de Governo
7,2%	chefes de Estado
24,7%	ministras da Saúde
24,9%	representantes nos parlamentos nacionais

NO BRASIL

9,1%	ministras
15,5%	deputadas estaduais/distritais
15%	deputadas federais
12,9%	senadoras
16%	vereadoras
12%	prefeitas
3,7%	governadoras*
52,5%	eleitorado
45%	filiadas a partidos

* Há somente uma governadora dentre as 27 unidades federativas.

Fontes: Mapa das Mulheres na Política, IPU e ONU Mulheres (2020)

Patrícia Rangel holds a PhD in Political Science from the University of Brasília and a post-PhD in sociology by the University of São Paulo, Brazil, with a research stay at the Latin American Institute at the Freien Universität Berlin, Germany. She has co-edited titles as Gender and Feminisms: Argentina, Brazil and Chile under Transformation (2019) and Democracy and Brazil: Collapse and Regression(2020). She works in the fields of political science, gender studies, and feminist research.